UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA ‘LUIZ DE QUEIROZ’

Políticas, legislação e educação florestal

22/08/2018

Piracicaba

Caroline Sperandio

N° USP: 10982700

Uma breve reflexão sobre minha utopia e filosofia de vida

A maioria das pessoas se baseiam em obras que sejam compatíveis com seus ideais e tragam certo conforto a alma. Eu acredito que minhas perspectivas de vida e meu caráter foram formados ao longo de toda minha vida baseado no que vivi e no que pessoas muito próximas a mim viveram. Essas experiências de vida, misturadas a ingenuidade de querer sempre buscar mudar o mundo pra melhor, definem minha utopia, tanto que ao escolher a profissão da minha vida me baseei na esperança de que nesse caminho pudesse fazer mais a diferença.

Minha mãe sempre me contou como foi sua infância na zona rural, cuja família constituiu lar em um pequeno distrito em que a maioria dos moradores tinham algum grau de parentesco, pois seus avós e muitos outros eram imigrantes que vieram para o Brasil trabalhar nas lavouras de café e cana-de-açúcar na região. Esta, era cortada na mão, sem queimadas e usos excessivos de agroquímicos.

Nesse lugar, existiam fazendas com plantações e terreiros para secar café, que com o passar do tempo, foram sendo vendidas em pedaços de terra, transformados em pequenas chácaras pelas famílias, onde plantavam e criavam animais para sua própria subsistência. Eram realizadas trocas entre as famílias vizinhas de carnes e vegetais colhidos nessas terras. A água era retirada de poços artesianos no quintal, uma vez que há uma rede de lençóis subterrâneos d’água que abasteciam as casas para higiene e culinária. O fogão era a lenha, a madeira era coletada de árvores só secas, e as comidas, que hoje encontramos já prontas no mercado, eram feitas nas casas, pelas mulheres, como linguiças caseira, doces de frutas caseiros, farinhas, rapadura, cachaça, licores, queijos, doce de leite, etc., e, segundo minha mãe, tudo era muito saboroso.

Não havia energia elétrica em todas as casas, muitos utilizavam ainda lampião a gás, principalmente nos locais mais afastados, e onde havia, quando chovia, a energia acabava e demorada mais de horas para voltar.

As estradas eram de terra batida, onde quase não se via automóveis, até mesmo o ônibus nem passava dentro do distrito, tinham que caminhar cerca de dez minutos morro acima e pega-lo para ir à escola e centro de Rio Claro na rodovia Fausto Santo Mauro.

As mulheres iam com seus filhos, geralmente seis ou mais, carregando trouxas cheias de roupas, lavá-las nos rios, onde esses aproveitavam e se banhavam nas águas límpidas. Também, nos rios, eram feitas barragens com pedras para formar poças de água – tanques - para que pudessem instalar bombas e essas puxarem a água do rio para molhar as plantações.

O solo dessa região sempre foi considerado rico, pois dali podia ser retirado muito calcário, sendo criadas várias pedreiras para exploração da região, enriquecendo muitas pessoas e gerando empregos. Nesse período, contou-me meu avô, que trabalhava nessas pedreiras, eram encontrados muitos fósseis e artefatos antigos, como lanças indígenas e outros utensílios. Inclusive, hoje é considerada área de proteção arqueológica.

No quintal haviam animais de todos os tipos, era normal conviver com aves (hoje difíceis de serem vistas), saguis, quatis, cobras, e até mesmo porcos do mato. As árvores frutíferas produziam o ano todo, não havia pragas e doenças nos pés, e tudo que a terra dava era aproveitado: cascas de laranja para doces, bagaço do milho para bolo, talos de couve, grãos moídos, etc.

Assim, com o advento da modernidade, o distrito cresceu relativamente, principalmente com a vinda da cerâmica de pisos, que explora o solo para retirada de matéria prima. Solo esse que sustenta nossas casas.

Hoje, refletindo sobre as histórias de minha mãe e avós, vejo o quão vaga, em minha concepção, foi minha infância, pois, apesar de ter crescimento nesse meio “rural’, vejo que devido aos avanço muitas experiências foram tiradas de mim. Não pude nadar nesse mesmo rio límpido, pois o descarte ilegal de lixo e esgoto o contaminou. Não pude comer certas frutas direto do pé, pois estavam doentes. Não pude ver alguns pássaros pois suas populações diminuíram e hoje são raros. Não pude pular amarelinha na rua, pois o fluxo de carros é muito grande. Não pude...

Vejo em minha casa, no mesmo quintal que minha mão brincava com os pássaros, estes comendo bananas verdes no pé, beliscando frutas na pia no quintal, bebendo água nas guias de calçadas; lagartos entrando em canos para poder encontrar água; o pior: o João de barro procurando terra nos vasos de flores da minha mãe pra poder construir sua casa. Apenas tentando sobreviver em meio ao caos que nós, humanos, causamos em seu hábitat natural ocupando-o.

Eu sempre vi a natureza como parte de mim, sempre tive um ideal de tudo o que EU pudesse fazer para evitar que algo ruim acontecesse, qualquer ação que EU pudesse realizar pra que fizesse a diferença. Talvez por ter crescido em meio a isso, ouvindo as histórias do tempo antigo e vendo o quanto tudo mudou, eu me sinta no dever de ajudar. O mínimo sequer: colocar frutas penduradas num vasinho no pé de acerola para que os pássaros possam se alimentar. Um pote com água limpa no chão do quintal para que possam matar a sede. Cuidar da terra pra ela produzir e não desaparecer. São simples ações que fazem toda a diferença.

Por isso, estou onde estou hoje. Por isso, escolhi fazer o curso que estou fazendo. Por isso, eu não desisto e persisto, eu quero chegar até o final, pois sei que será só meu começo.

Independentemente se eu for trabalhar com produção de madeira ou virar o Tarzan do século XXIX, eu sei qual meu dever como engenheira florestal e cidadã. Nossos ideais nos seguem por toda nossa vida. Podem sofrer mudanças mas sempre estão lá. E é a partir delas que conseguimos mudar pra melhor a sociedade em que estamos vivendo hoje, principalmente com todos os problemas que vemos. Sei que muitas pessoas veem que a questão ambiental, por exemplo, é o mínimo comparado a fome do planeta. EU vejo que a fome do planeta é uma consequência da má gestão dos nossos recursos ambientais, e sei que se isso não mudar HOJE, em alguns anos a tendência é piorar, podendo, inclusive, esses recursos se esgotarem.

Eu quero lutar por isso. Eu quero fazer a diferença. Eu quero ajudar. Eu quero tirar o mundo desse sufoco. Eu quero recuperar o lugar da infância da minha mãe. Eu quero ver esse paraíso. Mais que querer... EU VOU.